



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

de Oliveira, Fabiana Luci

Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens
e desafios

Ciências Sociais Unisinos, vol. 51, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 133-143

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93841498004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios

Methodological triangulation and multi-method approach in sociological research: Advantages and challenges

Fabiana Luci de Oliveira¹
fabianaluci@ufscar.br

Resumo

O tema deste artigo é a combinação de métodos quantitativos e qualitativos na pesquisa sociológica, e em ciências sociais, de maneira geral, a partir da abordagem multimétodo – também chamada de triangulação metodológica. O argumento apresentado aqui é o de que a abordagem multimétodo é uma das formas mais completas de pesquisa empírica, pois combina a força das grandes amostras, e sua capacidade para generalizações, com a força dos estudos de caso, e sua capacidade para a identificação dos mecanismos causais. No entanto, apresenta diversos desafios em sua implementação, sobretudo quando seu objetivo é a corroboração. A partir de uma revisão da literatura de referência, procuro indicar como enfrentar esses desafios. Inicio especificando as características dos métodos quantitativos e qualitativos, e da sua combinação (abordagem multimétodo), apontando as potencialidades e as limitações nessa combinação, e encerro recorrendo, como exemplo, a dois estudos: uma pesquisa clássica por excelência (A Distinção – Crítica Social do Julgamento), na qual Bourdieu (1977b) se valeu da combinação de diferentes métodos para verificar os determinantes de práticas culturais, e um estudo mais recente (Corruption and inequality at the crossroad – A Multimethod Study of Bribery and Discrimination in Latin America), no qual Fried et al. (2010) discutem a relação entre corrupção e desigualdade social na América Latina, a partir de um experimento seguido por entrevistas qualitativas, como forma de melhor entender e explicar os resultados da etapa experimental.

Palavras-chave: métodos quantitativos e qualitativos, triangulação, multimétodo (ou métodos mistos).

Abstract

This paper theme is the combination of quantitative and qualitative methods in sociological research, and in social sciences, in general, from the perspective of the multi-method approach – also designated as methodological triangulation. The argument presented here is that a multi-method approach is one of the most complete forms of empirical research, once it combines the strength of large samples, and their ability to generalize, with the strength of case studies, and its ability to identify causal mechanisms. However, it presents many challenges in its implementation, especially when its goal is corroboration. From a review of the reference literature, I will indicate how these challenges can be overcome. I begin by specifying the characteristics of quantitative and qualitative methods, and of their combination (multi-method approach), pointing to the potentials and limitations in this combination, and I conclude describing two studies as examples: a classic research for excellence (Distinction: A

¹ Bolsista produtividade do CNPq. Universidade Federal de São Carlos. Departamento de Sociologia. Rod. Washington Luis 235, Monjolinho, 13565-905, São Carlos, SP, Brasil.

social critique of the judgment of taste), in which Bourdieu (1977b) used a combination of methods to verify the determinants of cultural practices, and a more recent study (Corruption and inequality at the crossroad – A Multimethod Study of Bribery and Discrimination in Latin America), in which Fried et al. (2010) discuss the relationship between corruption and social inequality in Latin America, from an experiment followed by qualitative interviews as a way to better understand and explain the results of the experimental phase.

Keywords: quantitative and qualitative methods, triangulation, multi-method (or mixed methods).

Apresentação

Uma clivagem central na Sociologia, e nas Ciências Sociais, de maneira geral, é a metodológica, expressa na dicotomia quantitativo *versus* qualitativo, com uma terceira via (ou terceiro paradigma metodológico) propondo a combinação dos dois métodos, designada como triangulação ou abordagem multimétodo (também chamada de métodos mistos).

É possível fazer um paralelo com o debate teórico, e a polarização sociológica clássica estrutura *versus* agência (ou objetivismo *versus* subjetivismo, abordagens macro *versus* abordagens micro) com uma terceira via, buscando o equilíbrio entre ambas – por exemplo, a teoria da prática, de Bourdieu (1977a), e a teoria da estruturação, de Giddens (2003).

Aqui vou tratar da combinação de métodos quantitativos e qualitativos na pesquisa em Sociologia e nas Ciências Sociais, enfocando as motivações para tal combinação e chamando atenção para alguns potenciais problemas de se adotar essa abordagem, assim como as formas de evitá-los.

Para tanto, inicio definindo os métodos quantitativos e qualitativos e a sua combinação (abordagem multimétodo), apontando para as potencialidades e as limitações nessa combinação, e encerro recorrendo, como exemplo, a dois estudos: uma pesquisa clássica por excelência (*A Distinção – Crítica Social do Julgamento*), na qual Bourdieu (1977b) se valeu da combinação de métodos para verificar os determinantes de práticas culturais, e um estudo mais recente (*Corruption and inequality at the crossroad – A Multimethod Study of Bribery and Discrimination in Latin America*), no qual Fried et al. (2010) discutem a relação entre corrupção e desigualdade social na América Latina a partir de um experimento seguido por entrevistas qualitativas como forma de melhor entender e explicar os resultados da etapa experimental.

Para todo o desenvolvimento da minha perspectiva, tomo como base direta de referência os trabalhos de Ragin (1994); King et al. (1994); Abbott (1998); Martins (2004); Kelle (2005); Turner (2007); Santos (2009); Small (2011); Creswell e Clark (2011); Gerring e Thomas (2011) e Kirschbaum (2013). Outra fonte que permeia a argumentação aqui exposta é Tashakkori e Teddlie (2010), com seu *Handbook of mixed methods in social and behavioral research*.

Métodos quantitativos e qualitativos e sua combinação

A configuração da Sociologia como disciplina foi marcada desde seu surgimento pela necessidade de definir e precisar sua metodologia, buscando o distanciamento de análises especulativas e impressionistas acerca da sociedade e dos fenômenos sociais. E, com isso, se constituiu um debate tanto no aspecto dos seus métodos, ou seja, das ferramentas e técnicas a serem implementadas no processo de pesquisa, quanto no aspecto mais geral da metodologia, discutindo-se os princípios que determinam como tais ferramentas são aplicadas. A disputa fundamental se deu em torno da base científica do conhecimento sociológico, na conciliação entre a complexidade dos fenômenos sociais e a generalidade da explicação sociológica (Turner, 2007, p. 3).

Parte considerável da escrita de autores clássicos da Sociologia, como Émile Durkheim e Max Weber, foi dedicada à discussão do método, e de qual seria o mais adequado para estudar os fenômenos sociais. Ambos estavam preocupados com a adoção de procedimentos empíricos e também com a descoberta de causalidade, mas cada um privilegiou um método. Durkheim (1977) privilegiou o quantitativo, enfatizando a influência objetiva e mensurável da sociedade sobre os indivíduos, buscando estabelecer relações de causalidade entre os fenômenos. E Weber (2004) privilegiou o método qualitativo, preocupando-se com os significados subjetivos que os indivíduos atribuem ao seu próprio comportamento, buscando a significância causal dos fenômenos. É importante destacar que, apesar da preferência ou favorecimento de uma abordagem, ambos utilizaram em seus estudos tanto as estatísticas sociais quanto os métodos qualitativos.

Os métodos da Sociologia no final do século XIX e início do século XX se desenvolveram muito a partir da influência e da reorganização de outras disciplinas, sobretudo da estatística e da história, a primeira influenciando e dando a base para os métodos quantitativos e a segunda influenciando a configuração de um campo de métodos qualitativos.

A diferenciação entre métodos quantitativos e qualitativos costuma ser traduzida de forma simples na diferenciação que Wilhelm Dilthey propôs entre explicação, método próprio das ciências naturais, baseado na identificação da causalidade

em uma perspectiva mecanicista, e compreensão, método próprio das ciências humanas, baseado na apreensão de sentido (cf. Turner, 2007).

Embora a diferenciação de Dilthey coloque a busca da causalidade como característica central dos métodos quantitativos, é importante destacar que essa busca está também nos métodos qualitativos, como se apreende, por exemplo, a partir das obras dos dois clássicos mencionados, Durkheim e Weber, sendo que a diferença fundamental está na compreensão, na aplicação e na extensão do conceito de causalidade nas duas abordagens, quanti e quali (cf. King *et al.*, 1994; Kirschbaum, 2013).

No desenvolvimento das ciências sociais durante o século XX, a discussão de métodos e sua divisão em quantitativos e qualitativos caracterizou-se mais como um antagonismo, com os adeptos dos métodos quantitativos criticando os adeptos dos métodos qualitativos a partir do argumento de que estes seriam muito específicos ao contexto de sua pesquisa, trabalhando com amostras não representativas e, portanto, não passíveis de generalização e explicação. As principais críticas ao método qualitativo podem ser resumidas, segundo Martins (2004, p. 289), no excesso de subjetividade, nas dificuldades advindas da proximidade entre pesquisador e pesquisado e no caráter "meramente" descritivo e narrativo de seus resultados.

A crítica contrária, dos adeptos dos métodos qualitativos ao "quantitativismo", é de que os métodos quantitativos seriam excessivamente simplistas e reducionistas, descontextualizados, e, portanto, incapazes de captar os significados que os atores atribuem às suas vidas e circunstâncias.

É possível considerar essa disputa em torno dos métodos na divisão epistemológica entre positivismo (e pós-positivismo), de um lado, e interpretativismo (e construtivismo), do outro, embora essa divisão não seja absoluta.

Nessa visão dualista, o positivismo postula uma metodologia baseada no modelo de cientificidade e verdade matemáticas, aproximando-se do modelo das ciências naturais. Na perspectiva positivista, a geração de entendimento se dá no nível macro, estando a preocupação voltada para os padrões estruturais e tendências de larga escala, buscando-se explicações na forma de leis gerais. Mais associados ao paradigma positivista (ou pós-positivista) estariam, portanto, os métodos quantitativos. Sendo baseados em medidas numéricas e análises estatísticas, na linguagem de variáveis e relações entre variáveis com o intuito de descrever padrões gerais, testar teorias (hipóteses causais) e fazer previsões (cf. Ragin, 1994).

O foco dos métodos quantitativos está na descoberta de regularidades dos fenômenos, observando as relações entre um número menor de atributos em um grande número de casos (amostras N grande, na terminologia adotada por Ragin), a partir de uma metodologia dedutiva, afirmindo a distância pesquisador-pesquisado e a imparcialidade.

Dois exemplos clássicos de pesquisa sociológica quantitativa são *O Suicídio*, de Durkheim (1977), do final do século XIX, e *The American Soldier*, de Samuel Stouffer (1949), do final da década de 1940.

O Suicídio (Durkheim, 1977) visava identificar regularidades nas taxas de suicídios de diferentes países, e explicar essas regularidades a partir de características sociais de cada um deles (por exemplo, o tipo de confissão religiosa predominante explicaria a propensão maior de suicídios em alguns países).

The American Soldier (Stouffer, 1949), por sua vez, visava mensurar atitudes dos soldados americanos na segunda guerra mundial, recorrendo à pesquisa de *survey*, e explicar essas atitudes a partir de características sociais e demográficas dos soldados, como raça, escolaridade, e outras variáveis, entre as quais tempo de serviço militar.

Os principais métodos quantitativos são o experimental, o quase-experimental, o *survey* e os baseados na análise de conjuntos de dados em grande escala, como as estatísticas nacionais.

Por outro lado, a crítica do positivismo postula uma metodologia baseada no modelo de compreensão dos fatos históricos e sociais, voltada à recuperação e interpretação do sentido da ação, com foco nos aspectos microssociais e na agência humana, nos significados que as pessoas atribuem as suas vidas e nos aspectos subjetivos da vida social. No interpretativismo, a geração de entendimento se dá no nível micro, procurando enfatizar a agência daqueles que se estuda por meio da ênfase sobre interpretações subjetivas.

Nessa linha, os métodos qualitativos estariam mais associados ao paradigma interpretativista. A pesquisa qualitativa busca semelhanças sistemáticas entre os casos analisados, visando universais (ou seja, propriedades invariantes). É baseada em linguagem natural, discursiva e na busca do conhecimento em profundidade, na investigação do significado, objetivando o refinamento e a elaboração de imagens e conceitos, "dar voz" e avançar teorias (cf. Ragin, 1994). O foco está na investigação de um maior número de atributos em relativamente poucos casos (amostras n pequeno, na terminologia de Ragin), a partir de uma metodologia indutiva, enfatizando a proximidade pesquisador-pesquisado.

Entre as principais influências no desenvolvimento dos métodos qualitativos, estão autores ligados à Escola de Chicago, como Albion Small, William Thomas e Howard Becker. Um exemplo é a pesquisa de Howard Becker, *Outsiders*, em que o autor trata do processo de aprendizagem envolvido no desenvolvimento de comportamentos tidos como desviantes – entre eles, o uso de maconha. Becker (2008) argumenta que a experiência física do uso da maconha é ambígua e que só ganha significado prazeroso por meio de significados aprendidos e compartilhados pelo grupo de usuários. Aprender a usar a maconha por prazer, de acordo com o autor, envolveria uma sequência de aprendizados: desde a técnica de fumar, passando pela identificação dos efeitos e da sua associação ao uso da maconha, até a redefinição das sensações obtidas como prazerosas. Em sua pesquisa de campo, baseada na observação participante e em entrevistas, Becker (2008) identificou alguns usuários que não "curtiam" o uso de maconha, o que o levou a repensar e a refinar seu conceito de aprendizado a partir da diferenciação entre os que utilizam

a maconha por uma questão de aparência e *status* daqueles que a utilizam apenas por prazer.

Os principais métodos qualitativos são baseados em pesquisa de campo e no uso de técnicas que permitem a imersão do pesquisador no ambiente de pesquisa, visando à descoberta de significado e à importância dos fenômenos sociais para as pessoas envolvidas nessas configurações, como entrevista em profundidade, observação participante, etnografia (cf. Ragin, 1994; Martins, 2004).

Existe uma carga ideológica negativa fortemente associada ao termo positivismo e, consequentemente, desconfiança com relação aos métodos quantitativos, vinculando-os ao regime de verdade da ciência, à violência simbólica, relacionando a científicidade à normalização da sociedade, à sede de saber como sede de poder, como dominação e manipulação. Os métodos qualitativos seriam, especialmente na perspectiva dos sociólogos de formação crítica, uma resposta e reação a essa dominação, trazendo a reflexividade, e valorizando a subjetividade do pesquisador (cf. Santos, 2009, p. 126).

Uma terceira via, ortogonal a esse debate, entende que a divisão entre métodos quantitativos x qualitativos é inerentemente ambígua e, portanto, uma distração dos propósitos da pesquisa em Ciências Sociais, defendendo a integração desses métodos, em uma abordagem pluralista, mais comumente chamada de multimétodo (cf. Gerring e Thomas, 2011) – sendo também empregados de forma intercambiável os termos "métodos múltiplos", "métodos mistos" e "triangulação", na maioria das vezes com o mesmo significado de combinar diferentes métodos para responder a um mesmo problema de pesquisa².

Na abordagem multimétodo, os métodos quantitativos e qualitativos não devem ser vistos em oposição, ou pensados como uma questão de números *versus* palavras, ou, ainda, um debate sobre o que pode ou não pode ser quantificado, mas sim a partir da produção de diferentes níveis e tipos de explicação, enfocando diferenças em termos de quão precisas, explícitas e amplas as comparações e as explicações podem ser na Sociologia³ (Gerring e Thomas, 2011, p. 8).

² Embora utilizados de forma intercambiável, alguns autores diferenciam esses termos. Creswell e Clark (2011), por exemplo, definem multimétodo (*multimethods*) como a combinação de diferentes fontes de dados dentro de um mesmo paradigma, podendo ser apenas dois ou mais métodos qualitativos ou dois ou mais métodos quantitativos; já a abordagem de métodos mistos (*mixed methods*) implicaria a combinação entre paradigmas diferentes, sendo pelo menos um método qualitativo e um método quantitativo.

³ É essencial considerar aqui, com Creswell e Clark (2011), que há uma disputa de paradigmas e concepções ontológicas e epistemológicas implícitas na discussão da adequação de métodos quantitativos, qualitativos ou da sua combinação para responder a um problema de pesquisa – como será discutido mais adiante no texto. Alguns autores, como, por exemplo, Greene e Caracelli (1997), afirmam que diferentes paradigmas podem ser combinados em pesquisas que adotam a abordagem multimétodo. Outros, como Creswell e Clark (2011), afirmam que a combinação de múltiplos paradigmas em um mesmo estudo é possível, a partir de uma orientação pragmática, com diferentes paradigmas relacionados a diferentes fases da pesquisa. Ou seja, se uma pesquisa combina *survey* e grupos focais, por exemplo, o levantamento quantitativo refletiria uma visão pós-positivista inicial, inclinando-se, na fase qualitativa dos grupos focais, para o paradigma construtivista. E há autores, como Giddings (2006), que afirmam que, na abordagem multimétodo, predominaria o pós-positivismo, com a manutenção da lógica binária *quanti x quali*, e a prevalência dos métodos quantitativos, sendo os qualitativos utilizados mais como forma de contextualização. Giddings conclui que "The 'thinking' of positivism continues in the 'thinking' of mixed methods, its postpositivist pragmatic underpinnings assumed. The positivist scientific tradition continues to be privileged as a way to know; its dominance is strengthened, rather than challenged, by mixed-methods research" (2006, p. 202).

Combinar dados quantitativos e qualitativos não é algo novo, estando essa combinação presente na Sociologia e nas Ciências Sociais em diversas pesquisas ao longo do tempo, de diferentes formas. Mas o que a abordagem multimétodo tem a acrescentar é pensar as implicações metodológicas dessa combinação. Discussões sobre se e de que forma combinar métodos de pesquisa social remontam pelo menos à década de 1950. Um exemplo é a combinação de *survey* e trabalho de campo, que tem sido o tipo mais comum de utilização de métodos mistos.

Algumas das primeiras publicações referenciadas pela literatura acerca da abordagem multimétodo, pensando as implicações metodológicas dessa combinação, datam da década de 1950, como o texto de Vidich e Shapiro (1955) e o de Campbell e Fiske (1959). Lembrando que diversos autores, entre os quais Creswell e Clark (2011, p. 21-22), situam a década de 1980 como o período de consolidação da abordagem multimétodo.

Em termos epistemológicos, a abordagem multimétodo se alinha ao pragmatismo, que, de acordo com Creswell e Clark (2011), prioriza as consequências da pesquisa, o primado das perguntas e do problema de pesquisa, mais do que o método. Parte de uma orientação pluralística e valoriza a praticidade, buscando "o que funciona" para tratar e responder às questões de pesquisa.

Na definição de Creswell e Clark, a abordagem multimétodo é um desenho completo de pesquisa, que assume múltiplas formas de dar sentido ao mundo, e variadas maneiras de ver e ouvir, integrando métodos quantitativos e qualitativos, seja na coleta (geração) ou na análise de dados.

Mixed methods research is a research design with philosophical assumptions as well as methods of inquiry. As methodology, it involves philosophical assumptions that guide the direction of the collection and analysis of data and the mixture of qualitative and quantitative approaches in many phases in the research process. As a method, it focuses on collecting, analyzing, and mixing both quantitative and qualitative data in a single study or series of studies. Its central premise is that the use of quantitative and qualitative approaches in combi-

nation provides a better understanding of research problems than either approach alone (Creswell e Clark, 2011, p. 5)⁴.

Nessa perspectiva, deve-se pensar que, se tomamos o objetivo da pesquisa sociológica utilizando a definição de Ragin (1994) como a construção de representações da vida social a partir do diálogo entre ideias (teoria) e evidências (dados), produzindo inferências válidas sobre a vida social, a busca por evidências pode e deve se dar tanto de forma quantitativa quanto qualitativa, sendo que as ferramentas quantitativas auxiliam no propósito de generalização, e as ferramentas qualitativas possibilitem o aprofundamento da análise.

Com isso, os adeptos da abordagem multimétodo defendem que a dicotomia positivismo (ou pós-positivismo) x interpretativismo (ou construtivismo), deve ser abandonada, assim como deve ser evitado o uso de conceitos metafísicos como "verdade" e "realidade", adotando-se uma filosofia de pesquisa prática e aplicada na orientação das escolhas metodológicas (Creswell e Clark, 2011, p. 44).

Nessa via, no entanto, há diversas possibilidades de combinação – deve-se decidir o que combinar, como combinar e em que momento combinar.

Considerando "o que combinar", deve-se pensar o que constituem dados e quais os tipos de dados a serem combinados, sejam eles qualitativos (áudio, texto, imagem, vídeo), como falas transcritas, gravações, textos jornalísticos, documentos oficiais, anotações de campo, entre outros, ou quantitativos (mensurações numéricas), como registros estatísticos, etc.

Já o "como combinar", refere-se às formas de coleta ou geração de dados, como a combinação de técnicas quantitativas e qualitativas, incluindo entrevistas estruturadas (questionário), entrevistas em profundidade, observação participante, experimentos, grupos focais, investigação arquivística, etc.

A opção por quais métodos combinar vai depender do nível e do tipo de explicação que se quer produzir e, fundamentalmente, dos aspectos teóricos e conceituais envolvidos na problemática em estudo. A combinação mais comum entre métodos quantitativos e qualitativos é a integração de técnicas de trabalho de campo ao *survey*, ou a utilização de entrevistas qualitativas para dar um "contexto agregado" aos resultados do *survey*, contribuindo para a interpretação das relações estatísticas e especificação de descobertas intrigantes. Ou, ainda, a utilização de entrevistas qualitativas anteriores ao *survey*, de maneira a contribuir para o desenvolvimento do questionário, especialmente no tocante às formas de perguntar (linguagem).

Em relação a "em que momento combinar", considera-se tanto o momento da geração (coleta) dos dados quanto da sua análise. A geração de dados pode se dar basicamente de forma sequencial ou concomitante.

No desenho sequencial, um método é empregado em um primeiro momento e outro o sucede no tempo. Por exemplo, a condução de entrevistas qualitativas após a realização de um *survey*, quando os pesquisadores pretendem utilizar os resultados qualitativos para auxiliar na interpretação ou na contextualização dos resultados quantitativos. Ou, então, a realização de um *survey* após a condução de pesquisa qualitativa exploratória, quando se pretende verificar e generalizar os resultados iniciais.

Já no desenho concomitante os métodos quantitativos e qualitativos são implementados simultaneamente – embora, na maioria das vezes, de forma separada, sendo integrados na fase de análise.

De acordo com Small (2010), alguns pesquisadores se opõem fortemente a esses desenhos simultâneos. Howard Becker estaria entre esses autores, argumentando que alguns dos melhores resultados de pesquisa etnográfica vieram da disposição do etnógrafo para se guiar no campo e seguir seus instintos sobre o tipo de dados a serem coletados com base no que ela ou ele está continuamente descobrindo. Ao investigador que adota a posição de Becker, a distinção entre os modelos sequenciais e concomitantes seria, de acordo com Small, irrelevante, porque, uma vez no campo, o pesquisador pode decidir alterar a recolha de dados, em função dos resultados emergentes, mesmo que uma abordagem sequencial não tenha sido planejada (Small, 2011, p. 69).

Como dito, além do momento de geração de dados, a combinação pode se dar no momento de sua análise – valendo-se de técnicas qualitativas para analisar dados oriundos de métodos quantitativos e/ou técnicas quantitativas para analisar dados obtidos a partir de métodos qualitativos. A combinação de estratégias de análise, utilizando técnicas quantitativas de análise de dados qualitativos, e vice-versa, é designada por Small como análises de cruzamento (*crossover analysis*, no original).

[...] by crossover analyses, I refer specifically to studies in which qualitative data are analyzed primarily through formal, mathematical, or statistical techniques or those in which quantitative data are analyzed primarily through narrative techniques (Small, 2011, p. 72).⁵

Para encerrar esta seção do artigo, convém pontuar que a classificação de um estudo como sendo uma abordagem multi-

⁴ Em tradução livre, "A abordagem multimétodos é um desenho de pesquisa com pressupostos filosóficos, bem como métodos de investigação. Como metodologia, envolve pressupostos filosóficos que orientam a direção da coleta e análise de dados e da mistura de abordagens qualitativas e quantitativas em diversas fases do processo de investigação. Como método, concentra-se em coletar, analisar e combinar os dados quantitativos e qualitativos em um único estudo ou em uma série de estudos. Sua premissa central é que o uso de abordagens quantitativas e qualitativas combinadas proporciona uma melhor compreensão dos problemas de pesquisa do que qualquer abordagem sozinha".

⁵ Em tradução livre, "por análises de cruzamento, refiro-me especificamente aos estudos em que os dados qualitativos são analisados principalmente através de técnicas formais, matemáticas ou estatísticas ou aqueles em que os dados quantitativos são analisados principalmente através de técnicas narrativas".

método não é algo simples e direto, uma vez que a mera presença de dados quantitativos e qualitativos em um mesmo estudo não implica, necessariamente, em um desenho de pesquisa multimétodo, especialmente se tal combinação for feita de forma retórica, superficial ou apenas com intenção ilustrativa.

Partilho da colocação de Creswell e Clark (2011) de que nem todos os tipos de problemas de pesquisa, objetos e populações de interesse são passíveis de serem pesquisados via abordagem multimétodo. Nas palavras dos autores, nem todas as perguntas ou situações de pesquisa justificam o uso de abordagens multimétodo. A depender dos objetivos da pesquisa é que se faz a escolha da abordagem e dos métodos a serem empregados. Por exemplo, se o interesse é dar voz aos participantes, ou mapear a complexidade de uma situação, a utilização de apenas um método qualitativo pode ser suficiente. Caso o objetivo seja explicar a relação entre variáveis ou determinar se um dado grupo tem *performance* melhor que outro em dado resultado, um método quantitativo pode bastar.

Mas quando se tem objetivos em que cada um desses métodos isoladamente podem não ser suficientes para descrever e explicar o processo que causou o fenômeno investigado, é recomendável adotar a integração de métodos. Seja porque, seguindo Creswell e Clark (2011, p. 8), resultados encontrados em uma investigação precisam ser aprofundados, uma vez que a explicação desenhada exclusivamente em resultados empíricos a nível estatístico pode negligenciar o papel de microprocessos sociais; ou porque resultados exploratórios precisam ser generalizados, uma vez que resultados baseados exclusivamente em dados qualitativos podem contar apenas parte da história. Lembrando com Bourdieu que explicações que atraem principalmente as perspectivas dos atores no campo investigado podem sofrer da "ilusão da transparência", ao apenas repetirem o ouvido e visto no trabalho de campo, sem refletirem sobre as condições sociais e estruturais dessas representações ou visões de mundo.

Por que combinar quanti e quali? Vantagens e desafios

Alega-se que a combinação de métodos quantitativos e qualitativos contribui para reduzir deficiências ou fraquezas específicas de cada método, aumentando a validade externa dos resultados de pesquisa – no sentido de corroboração. Mas a visão dominante na literatura hoje não é a de compensação mútua, e sim a de complementaridade ou amplitude, no sentido de que a abordagem multimétodo combina a força das grandes amostras, sua capacidade para a descoberta de padrões e generalizações, com a força dos estudos de caso, e sua capacidade para a identificação dos mecanismos causais.

Mas é preciso considerar, com parte dessa literatura, que, apesar das vantagens, há problemas e desafios a serem enfrentados ao se optar pelo desenho de pesquisa com métodos combinados – problemas estes ligados, sobretudo, às motivações da opção pela abordagem multimétodo.

O tema comum nas discussões sobre a combinação de métodos tem sido o desejo de superar os problemas de viés e validade das observações, sendo o argumento que justifica essa combinação, como já dito, o de que as deficiências de qualquer método podem ser superadas através da combinação de múltiplos métodos e, assim, capitalizar sobre os pontos fortes individuais de cada um.

A primeira e mais difundida acepção de abordagem multimétodo é a da triangulação, entendida como o emprego de diferentes métodos para verificar, validar ou confirmar um ao outro. A ideia é permitir a compreensão de um fenômeno social a partir de diferentes pontos de vista (métodos). A triangulação busca a corroboração.

A motivação inicial é a validação, visando garantir que a variação observada reflita o fenômeno em estudo, e não as especificidades do método adotado. Assim, a convergência ou acordo dos resultados entre dois (ou mais) métodos, quali e quanti, aumenta a confiança de que os resultados são válidos, e não um artefato metodológico. O objetivo central é garantir que as descobertas não dependam do tipo particular de técnicas adotadas e de dados coletados. Assim, a abordagem multimétodo passou a ser traduzida de forma simplificada como uma estratégia de pesquisa que se vale da utilização de mais de um tipo de método para responder a uma mesma questão de pesquisa, buscando confirmação e convergência de resultados (Small, 2011, p. 64-66).

O termo triangulação foi emprestado às Ciências Sociais do campo da navegação e estratégia militar, com seu significado originado na trigonometria, que usa pontos de referência múltiplos para localizar a posição exata de um objeto: dados principais básicos de geometria, múltiplos pontos permitem alcançar uma maior precisão na localização.

A triangulação é tida por Small (2011) como uma metáfora vaga, com diferentes significados possíveis, que podem ser ligados a uma variedade de problemas e tarefas metodológicos, mas sendo utilizada principalmente quando se tem como objetivo a corroboração. E nisso reside o principal problema da combinação de métodos, pois, ao se trabalhar com a perspectiva de corroboração, pode-se ter como consequência a não corroboração, ou seja, a possibilidade de se chegar a resultados diferentes (e divergentes) a partir de cada método aplicado.

Para evitar tal problema é preciso trabalhar com o pressuposto de que tipos diferentes de métodos produzem tipos diferentes de dados e resultam em formas diferentes de conhecimento. Portanto, métodos quantitativos e qualitativos não podem ser utilizados para verificar um ao outro, sendo a confirmação ou a corroboração motivações muito frágeis para se optar pela combinação de métodos. Dessa forma, recomenda-se a ampliação do conceito de triangulação e da sua motivação.

A triangulação é vista por muitos autores como um conceito central para a integração de métodos, mas essa noção carrega ambiguidades sistemáticas ao representar um amplo campo semântico quando transferida para a integração de métodos qualitativos e quantitativos. É possível identificar, de

acordo com Kelle (2005, p. 102), ao menos três entendimentos diferentes quando se fala em triangulação.

O primeiro é de validação mútua ou corroboração, é o sentido mais comum e mais criticado, pelos motivos já expostos, em que a preocupação maior é com a validação mútua dos métodos e resultados da investigação, a fim de identificar as ameaças para a validade interna e externa. A premissa com que se trabalha, como já dito, é de que os pontos fracos em cada método serão compensados pelas forças contrabalançadas de outro.

O segundo sentido é o de complementaridade na integração de diferentes perspectivas sobre o mesmo ângulo do fenômeno investigado – ou seja, ao observar o mesmo fenômeno de diferentes pontos de vista, consegue-se construir uma descrição e explicação mais completas.

O terceiro é o de amplitude, observando diferentes ângulos do fenômeno a partir de diferentes métodos, no sentido de uma compreensão mais extensa e refinada do fenômeno que se quer estudar. Esse terceiro entendimento, de acordo com Kelle (2005), é o mais rico para o desenvolvimento da pesquisa sociológica, no sentido de conseguir maior abrangência e alcance, e o que melhor lida com os problemas ontológicos e epistemológicos da junção de diferentes métodos, uma vez que cada fonte de dados, cada método, fornece resultados para componentes distintos da proposição teórica que informa a pesquisa. Assim, considera-se quais questões serão mais bem respondidas por dados quantitativos, quais serão mais bem respondidas por dados qualitativos, e quais são passíveis de serem respondidas por ambos. E deve-se considerar, de acordo com Kelle (2005, p. 102), que os resultados obtidos podem se dar em três sentidos: (i) resultados obtidos a partir dos métodos qualitativos e quantitativos convergem, ou seja, levam às mesmas conclusões; (ii) resultados qualitativos e quantitativos dizem respeito a diferentes aspectos do fenômeno, mas podem ser complementares uns aos outros, e (iii) resultados qualitativos e quantitativos divergem ou são contraditórios.

Assim, o grande desafio a um estudo que parte do princípio de triangulação como corroboração é a interpretação de evidências dispare – o que concluir se os resultados quantitativos e qualitativos forem divergentes? Kelle (2005) argumenta que, caso os dados sejam divergentes, por razões lógicas, seria preciso considerar os resultados como inválidos, ou seja, os resultados de um dos métodos obtidos são invalidados por outro método. Mas qual resultado descartar, os obtidos via métodos qualitativos ou os resultantes de métodos quantitativos? Explorar as contradições entre os diferentes tipos de dados para refletir o mesmo fenômeno pode levar a um confronto entre os métodos e ao desprezo de um método em favor de outro.

Nesse sentido é que Kelle (2005) afirma a contradição da triangulação como corroboração, e defende a acepção de amplitude.

Quantitative and qualitative methods usually provide information on different levels of sociological description: quantitative analyses show phenomena on an aggregate level and can thereby allow the description of macrosocial structures. Although qualitative data may also relate to phenomena on a macrosocietal level, their specific strength lies in their ability to lift the veil on social microprocesses and to make visible hitherto unknown cultural phenomena. In order to formulate adequate sociological explanations of certain social phenomena it will often be necessary to combine both types of information (Kelle, 2005, p. 103)⁶.

Assumindo o entendimento de amplitude, o encontro de resultados contraditórios em uma pesquisa que combina métodos quantitativos e qualitativos pode levar, por exemplo, ao reexame de algum aspecto conceitual.

Small (2011, p. 64) traz o exemplo de um estudo que encontrou resultados divergentes ao combinar entrevistas qualitativas e desenho experimental, visando entender como empregadores se comportam em relação ao quesito racial, observando se demonstram ou não preconceito.

O estudo em questão é o de Pager e Quillian (2005), que, na etapa experimental da pesquisa, enviaram 350 candidatos brancos e negros, com perfil pareado, para concorrerem a 350 postos de trabalho em Milwaukee (IL, Estados Unidos). Como resultado, observaram que os candidatos brancos foram chamados para as vagas a taxas substancialmente mais elevadas do que os candidatos negros.

Na sequência, os autores realizaram entrevistas telefônicas com os empregadores, utilizando vinhetas que descreviam candidatos hipotéticos que correspondiam às mesmas características dos candidatos reais, enviados anteriormente para entrevistas na fase experimental, e perguntavam qual seria a probabilidade de contratar cada um dos candidatos hipotéticos. Como resultado das entrevistas, concluíram que os empregadores não eram mais propensos a relatar uma vontade maior de contratar os candidatos brancos em comparação aos candidatos negros – resultado divergente do observado na etapa experimental.

Ao serem entrevistados, empregadores afirmaram consistentemente que não levavam em conta o aspecto de cor ou raça na hora de contratar um empregado, mas, na realização do experimento, verificou-se um padrão de discriminação. Como conciliar esses resultados dispare? Small (2011) argumenta, com os autores Pager e Quillian, que, a partir desses resultados, não se pode concluir que os empregadores têm preconceito, mas sim que a forma como eles percebem sua atuação e a forma como

⁶ Em tradução livre, "Métodos quantitativos e qualitativos geralmente fornecem informações sobre diferentes níveis da descrição sociológica: análises quantitativas mostram fenômenos em nível agregado e podem, assim, permitir a descrição das estruturas macrossociais. Embora os dados qualitativos possam também se relacionar com fenômenos em nível macrossocial, a sua força específica reside na sua capacidade de levantar o véu sobre microprocessos sociais e tornar visíveis fenômenos culturais até então desconhecidos. Para formular explicações sociológicas adequadas de certos fenômenos sociais, muitas vezes será necessário combinar os dois tipos de informação".

elas de fato atuam são diferentes, podendo ser apenas um indicativo de que há preconceito.

Outra crítica à combinação de métodos qualitativos e quantitativos se dá com fundamento na tese da comensurabilidade, isto é, na relação entre as técnicas metodológicas e as perspectivas epistemológicas que as informam, argumentando-se que a combinação de perspectivas quantitativas e qualitativas não seria possível sem contradição, uma vez que refletiriam diferentes epistemologias, portanto, diferentes hipóteses sobre a natureza do conhecimento.

Como já pontuado, há uma tendência de associação dos métodos quantitativos ao positivismo ou pós-positivismo, e, portanto, ao argumento da causalidade, e a uma abordagem fortemente pré-estruturada, enquanto os métodos qualitativos estariam associados ao interpretativismo, valorizando as perspectivas dos participantes, e uma abordagem contextual. Mas esse "impasse epistemológico" pode ser superado a partir da perspectiva de King *et al.* (1994), de que a combinação de métodos quantitativos e qualitativos parte da concepção de uma lógica unificada de inferência, sendo as diferenças apenas de estilo e técnica.

A lógica de inferência a que os autores se referem é a de uma abordagem sistemática e científica, em que se busca uma inferência descritiva ou explicativa (causal) com base em informações empíricas (dados/evidências) sobre determinado fenômeno em estudo. Essa lógica parte de procedimentos explícitos em termos de métodos de observação do fenômeno, consistindo na formulação de perguntas, na coleta de dados, na forma de interpretação desses dados (análise e inferências), considerando os aspectos de validade e confiabilidade (replicabilidade).

Nessa lógica, considera-se que os métodos quantitativos são baseados em um conjunto de análises estatísticas e generalizações visando determinar o padrão dos dados e o seu significado, e os métodos qualitativos são baseados em técnicas fenomenológicas para extrair significado. Portanto, ambos os paradigmas (e ambos os métodos) se baseiam em técnicas analíticas para extrair significado.

Além dos desafios de acepção e epistemológico, há o problema, muitas vezes negligenciado, da escolha dos casos para investigação mais profunda (para os estudos de caso) – deve-se escolher os casos típicos ou os casos raros? Não é o objetivo aqui explorar mais esse aspecto a fundo, mas apenas argumentar que essa escolha depende, fundamentalmente, do propósito da pesquisa, se o objetivo é indutivo, exploratório, ou dedutivo, visando testar alguma hipótese. E essa escolha depende também dos argumentos teóricos que informam a pesquisa⁷.

Exemplos de pesquisa multimétodo

Um dos estudos mais completos a utilizar a combinação de métodos quantitativos e qualitativos foi o que deu origem

à obra *Distinção – Crítica Social do Julgamento*, de Bourdieu. Com o objetivo de descrever e explicar a variação do gosto e de práticas culturais entre diferentes segmentos sociais, Bourdieu e colaboradores utilizaram nesse estudo uma multiplicidade de dados, oriundos de pesquisas estatísticas e etnográficas, reunindo entre as técnicas de coleta de dados entrevistas quantitativas a partir de grandes amostras (dados de *survey*), estatísticas nacionais (diversas pesquisas conduzidas pelo *Institut national de la statistique et des études économiques (INSEE)* como a pesquisa sobre condições de vida e consumo das famílias, de 1972, com 13 mil famílias; a pesquisa sobre renda, de 1970, com 45 mil domicílios; a pesquisa sobre lazer, na qual foram entrevistadas 6.637 pessoas no ano de 1967, entre outras pesquisas), documentos (fotografias, livros e outras publicações, etc.), entrevistas qualitativas, observação, além de uma série de outros dados secundários de *surveys* conduzidos por outras instituições francesas.

Ao final da publicação, há um anexo (intitulado "Algumas reflexões sobre o método") no qual Bourdieu discorre sobre as escolhas metodológicas feitas durante o estudo e suas limitações, destacando como cada método utilizado se articula às hipóteses elaboradas para serem testadas, e também para se chegar a elas.

O argumento inicial de *Distinção* é de que o gosto e as práticas culturais são determinados, em grande parte, pela aquisição e acumulação de capitais (cultural, social e econômico), a partir de processos socializadores e educativos vivenciados pelos agentes. O gosto cultural seria, portanto, não fruto de uma "sensibilidade inata" dos indivíduos, mas produto desses processos, ambientados especialmente na escola e na família, estando associado a uma origem social (classe ou fração de classe), contribuindo para classificar e distinguir os indivíduos.

Para testar e refinar o argumento, o estudo se baseia, inicialmente, em entrevistas em profundidade e observações etnográficas, com o objetivo de analisar as variações de práticas e opiniões acerca das escolhas nos domínios estéticos e culturais. Com base nessa sondagem inicial, Bourdieu segue para a elaboração dos instrumentos de coleta de dados via *survey*.

A opção pelo *survey* é tratada por Bourdieu como uma solução necessária em virtude da necessidade de comparação, generalização e sistematicidade, mas não satisfatória, por deixar de captar as sutilezas dos comportamentos e das práticas sociais.

Tratando-se de captar sistemas de gosto, a pesquisa por meio de questionário nunca deixa de ser uma solução insatisfatória, imposta pela necessidade de obter um número importante de informações comparáveis sobre uma população suficientemente numerosa para autorizar o tratamento estatístico: em primeiro lugar, ela deixa escapar quase completamente o que diz respeito à modalidade das práticas; ou, em um domínio que é aquele da arte, entendido no sentido de maneira de ser e de fazer particular, como na "arte de viver", a maneira de efetuar as práticas e a maneira de falar sobre elas, desabusada ou de-

⁷ Para maiores detalhes sobre essa discussão, consultar Seawright e Gerring (2008).

senvolta, séria ou apaixonada, fazem muitas vezes toda a diferença (pelo menos todas as vezes em que estivermos diante de práticas comuns, como a televisão ou o cinema). Eis aí uma primeira razão que faz com que tudo o que é dito aqui sobre as diferenças entre as classes ou as frações de classe valha a fortiori (Bourdieu, 1977b, p. 462-464).

Assim, para complementar e ampliar o alcance da análise, aos dados gerados a partir dos surveys conduzidos para a pesquisa, foram sendo combinados outros dados, gerados a partir de entrevistas qualitativas e observações.

Tendo incessantemente ao espírito os limites dos dados coletados e de toda a informação obtida em uma relação tão artificial, de qualquer maneira, quanto à entrevista por questionário, conduzimos, ao longo da análise, isto é, cada vez que uma dificuldade surgia ou que uma nova hipótese o exigia, observações e entrevistas em situação real (Bourdieu, 1977b, p. 466).

Outro estudo a empregar a combinação de métodos quantitativos e qualitativos que gostaria de mencionar aqui é o de Fried et al. (2010). Os autores utilizam dados quantitativos experimentais e qualitativos para discutir a relação entre corrupção e desigualdade social na América Latina, mais especificamente na cidade do México. A pergunta inicial que se propõem a responder via desenho experimental é se e como policiais respondem a distinções socioeconômicas quando solicitam suborno. E, uma vez identificado o padrão de resposta, buscam entender o porquê respondem da forma como o fazem – nessa segunda etapa é que recorrem a dados qualitativos.

Os autores optaram por desenhar um experimento para estudar a associação entre perfil socioeconômico e corrupção, por assumirem que dados observacionais não são confiáveis, por três razões principais:

First, survey data used in observational studies typically rely on self-reports of corrupt practices, which often are unreliable. Second, such data do not differentiate between bribes that are paid for convenience from those paid as a result of coercion from public officials. For example, a positive association be-

tween wealth and the payment of a bribe found in survey data may reflect public officials' targeting of wealthy individuals for bribes, an increased propensity for the rich to pay bribes out of convenience, or both. As our study aims to explore bribe-seeking behavior on the part of public officials, the inability to distinguish between the two possibilities is problematic. Third, to the extent that the likelihood of interacting with a traffic officer varies with class, the relationship between income and corrupt behaviors might be driven by selection bias rather than discrimination (Fried et al., 2010, p. 77-78).⁸

O experimento consistiu em ter quatro motoristas da mesma idade dirigindo automóveis e cometendo infrações de trânsito idênticas (quais sejam, fazer um retorno proibido à esquerda, falar ao telefone e andar com o carro sem placa), através de uma sequência aleatória de cruzamentos monitorados pela polícia.

A classe social dos motoristas foi diferenciada pela sua maneira de falar, suas roupas, e o veículo que dirigiam. Os pesquisadores observam, primeiramente, se os policiais param o motorista por cometer a infração ou não; e no caso de pararem, observaram a consequência: se multam o motorista, se exigem um suborno, ou se simplesmente repreendem o motorista, deixando-o ir embora apenas com uma advertência verbal.

O resultado do experimento indicou que não há diferença na chance de ser parado de acordo com a classe social, mas que, uma vez parados pelos policiais, estes são mais propensos a solicitar suborno a motoristas de classe baixa, e a deixar motoristas de classe alta irem embora apenas com advertências.

[...] our results indicate that traffic officers are more likely to demand bribes from poorer drivers and give warnings to richer drivers. Although the use of an experiment gives us a high degree of confidence that the difference observed was a result of the treatment (socioeconomic status), it did not indicate why this was the case. We hypothesized a number of explanations and concluded that officers' fear of repercussions from demanding bribes offered the most compelling explanation of the observed behaviors. If officers believe that rich individuals are more likely to seek retribution than poor ones, then the act of stopping a vehicle may be intended to determine whether the driver is likely to offer a bribe without causing problems (Fried et al., 2010, p. 86).⁹

⁸ Em tradução livre, "Primeiro, os dados da pesquisa utilizados em estudos observacionais geralmente dependem de autorrelatos de práticas de corrupção, que muitas vezes não são confiáveis. Em segundo lugar, esses dados não diferenciam entre subornos que são pagos por conveniência daqueles pagos como resultado de coerção de funcionários públicos. Por exemplo, uma associação positiva entre a riqueza e o pagamento de um suborno encontrados em dados de survey pode refletir o fato de que funcionários públicos visam mais aos indivíduos ricos para subornos, um aumento da propensão dos ricos pagarem subornos por conveniência, ou ambos. Como o nosso estudo tem como objetivo explorar o comportamento de busca de suborno por parte de funcionários públicos, a incapacidade de distinguir entre as duas possibilidades é problemática. Em terceiro lugar, na medida em que a probabilidade de interagir com um guarda de trânsito varia de acordo com a classe, a relação entre renda e comportamentos corruptos pode se dever mais a um viés de seleção do que a discriminação".

⁹ Em tradução livre, "nossos resultados indicam que os agentes de trânsito são mais propensos a exigir propina de motoristas mais pobres e dar avisos aos motoristas mais ricos. Embora a utilização de um experimento nos dê um elevado grau de confiança de que a diferença observada foi uma consequência do tratamento (nível socioeconômico), não indicam por que isso ocorre. Trabalhamos com a hipótese de uma série de explicações e concluímos que o medo de retaliações face aos subornos exigidos ofereceram a explicação mais convincente dos comportamentos observados. Se os funcionários acreditam que os indivíduos ricos são mais propensos a procurar retaliação do que os pobres, então o ato de parar um veículo pode ser destinado a determinar se o motorista é suscetível a oferecer um suborno sem causar problemas".

Para melhor compreender esse padrão de resposta, os autores conduziram, na sequência, dez entrevistas qualitativas com policiais de trânsito na Cidade do México, além de três entrevistas com policiais de outra divisão, que passaram anteriormente pela divisão de trânsito – justificam essa opção por acreditarem que os policiais de trânsito poderiam hesitar em discutir práticas de corrupção em seus respectivos postos.

O roteiro de entrevistas abordava, entre outras perguntas, como escolhem quem parar, se sempre dão multa ou se outras práticas ocorrem, se eles percebem distinção de classe social dos motoristas, e a partir de que marcadores fazem a distinção entre motoristas ricos e motoristas pobres, e perguntam também sobre a prática de suborno.

Os resultados da etapa qualitativa sugerem que policiais associam riqueza com a capacidade de retaliação, portanto, são mais suscetíveis a exigir subornos de indivíduos mais pobres, pois têm receio de que os mais ricos possam ter contatos e denunciá-los –; assim, o risco de represália é maior.

Os autores pontuam as vantagens da combinação de métodos e sua funcionalidade para responder a aspectos diferentes do problema de pesquisa.

A corollary to our study is the distinct advantages that different methods offered in answering various aspects of our question. Although surveys of expert and public perceptions have improved our understanding of corruption's macro effects, these tools seem less suited for describing how corrupt practices play out at the micro level. [...] We do not deny the value of surveys; they have and will continue to reflect broad trends. Yet we found that the combination of experimental and qualitative methods offer a more precise and context-rich means of investigating how corruption works at the individual level (Fried et al., 2011, p. 91-92).¹⁰

Em conclusão, afirmo, junto com a literatura referenciada, que a abordagem multimétodo é a mais rica opção metodológica quando voltada a responder às questões centrais de uma pesquisa, desde que contextualizada a partir de um enquadramento teórico-conceitual e adequada à especificação dos diversos aspectos do problema de pesquisa proposto, considerando a ressalva já feita de que diferentes métodos contribuem com diferentes tipos de dados e resultam em diferentes níveis de conhecimento acerca dos fenômenos sociais.

Referências

ABBOT, A. 1998. The Causal Devolution. *Sociological Methods and Research*, 27(2):148-181.
<http://dx.doi.org/10.1177/0049124198027002002>

- BECKER, H. 2008. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 232 p.
- BOURDIEU, P. 1977a. *Outline of a theory of practice*. Cambridge, Cambridge University Press, 255 p.
- BOURDIEU, P. 1977b. *A Distinção – Crítica Social do Julgamento*. São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/Zouk, 556 p.
- CAMPBELL, D.T.; FISKE, D.W. 1959. Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56(2):81-105. <http://dx.doi.org/10.1037/h0046016>
- CRESWELL, J.W.; CLARK, V.L.P. 2011. *Designing and Conducting Mixed Methods Research*. Thousand Oaks, Sage, 488 p.
- DURKHEIM, E. 1977. *O Suicídio: estudo de sociologia*. Lisboa, Presença, 470 p.
- FRIED, B.J.; LAGUNES, P.; VENKATARAMANI, A. 2010. Corruption and inequality at the crossroad – A Multimethod Study of Bribery and Discrimination in Latin America. *Latin American Research Review*, 45(1):76-97. <http://dx.doi.org/10.1353/lar.0.0107>
- GERRING, J.; THOMAS, C.W. 2011. Quantitative and qualitative: a question of comparability. In: B. BADIE; D.B. SCHLOSSER; L. MORLINO (eds.), *International Encyclopedia of Political Science*. Extended version of chapter published. Disponível em: http://blogs.bu.edu/jgerring/files/2013/06/QUANTITATIVEANDQUALITATIVE_Extended.pdf. Acesso em: 20/12/2013.
- GIDDENS, A. 2003. *A constituição da sociedade*. 2^a ed., São Paulo, Editora Martins Fontes, 458 p.
- GIDDINGS, L.S. 2006. Mixed-methods research: Positivism dressed in drag? *Journal of Research in Nursing*, 11(3):195-203.
- GREENE, J.C.; CARACELLI, V.J. 1997. *Advances in mixed-method evaluation: The challenges and benefits of integrating diverse paradigms*. New Directions for Evaluation, 74. San Francisco, Jossey-Bass, 97 p.
- KELLE, U. 2005. Sociological Explanations between Micro and Macro and the Integration of Qualitative and Quantitative Methods. *Historical Social Research*, 30(1):95-117.
- KING, G.; KEOHANE, R.O.; VERBA, S. 1994. *Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research*. Princeton, Princeton University Press, 300 p.
- KIRSCHBAUM, C. 2013. Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28(82):179-193.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000200011>
- MARTINS, H.H.T.S. 2004. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 30(2):289-300.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>
- PAGER, D.; QUILLIAN L. 2005. Walking the talk? What employers say versus what they do. *American Sociological Review*, 70(3):355-380.
<http://dx.doi.org/10.1177/000312240507000301>
- RAGIN, C. 1994. *Constructing Social Research: The Unity and Diversity of Method*. Thousand Oaks, Pine Forge Press, 194 p.
- SANTOS, T.S. 2009. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. *Sociologias*, 21(1):120-156. <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-45222009000200007>

¹⁰ Em tradução livre, "Um corolário ao nosso estudo são as distintas vantagens que métodos diferentes oferecem para responder a diferentes aspectos da nossa pergunta. Apesar de surveys de especialistas e de percepções públicas terem melhorado nossa compreensão dos efeitos da corrupção no nível macro, essas ferramentas parecem menos adequadas para descrever como práticas corruptas atuam no nível micro. [...] Nós não negamos o valor de surveys, pois eles têm refletido e continuarão a refletir as tendências gerais. No entanto, verificamos que a combinação de métodos experimentais e qualitativos oferece um meio mais preciso e contextualizado para investigar como funciona a corrupção em nível individual".

- SEAWRIGHT, J.; GERRING, J. 2008. Case Selection Techniques in Case Study Research: A Menu of Qualitative and Quantitative Options. *Political Research Quarterly*, 61(2):294-308.
<http://dx.doi.org/10.1177/1065912907313077>
- SMALL, M.L. 2011. How to Conduct a Mixed Methods Study: Recent Trends in a Rapidly Growing Literature. *Annual Review of Sociology*, 37(1):57-86. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102657>
- STOUFFER, S.A. 1949. *The American Soldier*, Vol. I: *Adjustment during Army Life*. Princeton, Princeton University Press, 599 p.
- TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, C. (eds.). 2010. *Handbook of mixed methods in social and behavioral research*. Thousand Oaks, Sage, 912 p.
- TURNER, S.P. 2007. Defining a Discipline: Sociology and its Philosophical Problems, from its Classics to 1945. In: S.P. TURNER; M. RISJORD, *Philosophy of Anthropology and Sociology*. Amsterdam, Elsevier, p. 3-69.
- VIDICH, A.J.; SHAPIRO, G. 1955. A Comparison of Participant Observation and Survey Data. *American Sociological Review*, 20(1):28-33. <http://dx.doi.org/10.2307/2088196>
- WEBER, M. 2004. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 336 p.

Submetido: 05/01/2014
Aceito: 06/02/2015